

Contradições, cansaço, democracia...

Será que a reivindicação de uma escola se poder constituir como espaço politicamente mais democrático, culturalmente mais significativo e socialmente mais justo não passa, afinal, de um sonho de uma madrugada distante de Abril?

Ariana Cosme

Rui Trindade

Universidade do Porto

Vivemos num mundo marcado pela indiferença que o cansaço alimenta. Por isso é que a democracia, como conceito, tende a ser reduzida aos seus rituais minimalistas, enquanto as agências de *rating* lá vão governando o mundo em função de uma agenda que há muito deixou de ser o rabo-de-fora do gato-escondido.

Neste sentido, e face a esta tese, o cansaço é inimigo da democracia. Mata o desejo de acreditar e a vontade de intervir. Remete-nos para o limbo do individualismo e a vida passa a ser conjugada, por isso, em modo de sobrevivência.

O que fazer? As respostas parecem ser inevitáveis, ainda que, no actual estado de coisas, nem sempre sejam exequíveis. Não chega apelar à resistência ou tão pouco refugiarmo-nos em frases tão perfeitas quanto inúteis. O desafio é complexo e os alvos nem sempre são, apenas,

aqueles cujos nomes denunciámos na rua.

Por isso é que este é um tempo difícil de viver. Um tempo que põe à prova a coerência entre os princípios que defendemos e as acções que protagonizamos. Um tempo que se constrói tanto em torno de pragmatismos *ressemantizados* e de *ressemantizações* pragmáticas, como de silêncios cúmplices ou de olhares selectivamente benevolentes.

Substitui-se a palavra 'controlo' pela palavra 'regulação' para que a realidade seja a mesma de sempre. Uma realidade onde os actores educativos locais são objecto de olhares entre o paternal e o desconfiado, como se fossem incapazes de reflectir sobre os acontecimentos que lhes dizem respeito ou só o fizessem para assegurar as respectivas mordomias corporativas.

Defende-se a necessidade de nas escolas se implementarem práticas de avaliação formadora, quando os donos do poder se referem à avaliação escolar dos alunos, ao mesmo tempo que se impõe, ainda que de forma estrategicamente prudente, a necessidade de programas de avaliação normativa quando tal avaliação passa a ter a ver com o desempenho dos professores.

Será mesmo este último tipo de avaliação que, segundo as versões oficiais, permitirá resgatar-nos da cauda dos países da OCDE nos domínios da literacia e da matemática, ainda que, estranhamente, se faça de conta que este é um objectivo menor quando se fala dos professores-que-ainda-não-o-são no canto onde se confinam as actividades de enriquecimento curricular (AEC). Por que é que não se defende a avaliação de desempenho desta gente? Talvez porque se tem medo de correr o risco de conferir visibilidade às deploráveis condições profissionais e de trabalho destes profissionais da educação. Avaliar? Sim, mas só quando isso der jeito aos proprietários do Ministério da Educação.

O termo 'eficiência' passou a ser declinado no singular quando se refere à administração das escolas, mesmo que seja em nome de uma tal eficiência que se apregoa a excelência das situações de colaboração profissional entre docentes. Os arautos maiores de uma opinião publicada tão unânime quanto arrogante reivindicam maior rigor e exigência em textos marcados, justamente, pela má-língua, a ignorância e a desonestidade intelectual que, só por si, podem ser entendidos como manifestações exemplares da falta de rigor e de exigência que esses mesmos arautos tanto apregoam.

Muitos daqueles que defendem a necessidade de as escolas se afirmarem como espaços de instrução são os mesmos que, por exemplo, na situação de formandos, recusam, de forma veemente, a instrução como modo de acção educativa. Daí que a democracia seja algo que alguns exigem quando sentem que os seus direitos estão a ser postos em causa, transformando-se, de imediato, num

incómodo quando as suas parcelas de poder são objecto de interpelação por parte de quem possa ser sujeito-alvo do exercício de um tal poder.

O cansaço, deste modo, acumula-se à medida que se somam e, sobretudo, se ignoram as contradições. É como se fosse aceitável que as palavras sejam usadas para dizerem exactamente o contrário daquilo que pretendemos dizer. Como se essas palavras tendessem a ser progressivamente configuradas como palavras de ordem. Por isso, não será certamente por acaso que em demasiados projectos de formação de professores se propõe o que se deve fazer numa sala de aula através da utilização de estratégias pedagógicas e didácticas que contrariam aquilo que acabou de se prescrever.

Será que a reivindicação de uma escola se poder constituir como espaço politicamente mais democrático, culturalmente mais significativo e socialmente

mais justo não passa, afinal, de um sonho de uma madrugada distante de Abril?

Apesar de tudo, apesar do cansaço e das tentações por este geradas, não poderemos ser indiferentes à acção daquelas e daqueles que, dia após dia, lá vão encontrando soluções aos mais diversos níveis e planos, engolindo uns sapos e enfrentando de forma arguta, tão paciente quanto persistentemente, quer os constrangimentos inevitáveis, quer os constrangimentos inúteis que se lhes impõem nos quotidianos escolares em que vivem.

São esses professores que nos fazem acreditar que cada um de nós ainda pode fazer a diferença, apesar das contradições e do cansaço. Apesar, também, de sabermos que é mau sinal defendermos que o trabalho docente de hoje implica, à sua medida, uma dose de militância que nos possa mostrar como é que um outro mundo é possível. ↵

